

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Isis Aloma Marinho Lima

**É HORA DO RECREIO!
A CULTURA DO RECREIO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL
DE BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte
2012

Isis Aloma Marinho Lima

É HORA DO RECREIO!
A CULTURA DO RECREIO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL
DE BELO HORIZONTE

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Livia Maria Fraga Vieira

Belo Horizonte

2012

Isis Aloma Marinho Lima

É HORA DO RECREIO!
A CULTURA DO RECREIO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL
DE BELO HORIZONTE

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Livia Maria Fraga Vieira

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Livia Maria Fraga Vieira – Faculdade de Educação da UFMG

Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

Dedico este trabalho aos meus queridos avós, Marcionília e Geraldo pelo seu amor e carinho incondicionais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ser sempre fiel às minhas necessidades e anseios.
Agradeço aos alunos da Escola Municipal Luiz Gatti, pelos desafios, gargalhadas e aprendizado.

Agradeço às minhas irmãs, Josiane e Stefanie e à minha mamãe, Eronice, pela amizade fraterna.

Agradeço ao meu querido Rafael, pelo carinho, apoio e compreensão.

Agradeço às minhas amigas da FAE, Kátia e Juliana, pela partilha de dúvidas, alegrias e superação durante este percurso..

Agradeço aos professores da FAE e à equipe da secretaria do Laseb, vocês foram fundamentais nesta jornada! Obrigada pelo constante aprendizado.

“Em qualquer homem autêntico
existe uma criança querendo
brincar.”

Nietzsche

RESUMO

O presente Plano de Ação observou os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental no recreio de uma escola municipal de Belo Horizonte. As observações foram realizadas no segundo turno, durante os meses de outubro de 2011 a maio de 2012. Houve registro das atividades através das anotações em diário de campo e também através de fotografias. Observou-se que os alunos procuram resgatar brincadeiras tradicionais durante este período, adaptando-as e transformando-as de acordo com seus interesses. As questões de gênero foram evidenciadas, relatando-se as interações entre meninos e meninas, seus espaços e suas preferências durante o recreio. A violência nas brincadeiras, a falta de respeito com colegas, professores e funcionários da escola foram constantes na maior parte das observações. Como conclusão, sugiro que haja um acompanhamento pedagógico deste espaço/tempo, através da mediação da equipe pedagógica, no intuito de transformar, junto com os alunos, este espaço em um momento que atenda às reivindicações e necessidades apontadas pela comunidade escolar.

.

Palavras-chave: Educação Infantil, Brincadeira, Gênero, Recreio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pátio principal.....	17
Figura 2 - Pátio dos jardins.....	17
Figura 3 – Pátio dos fundos.....	18
Figura 4 – Pátio dos fundos (continuação).....	18
Figura 5 – Pátio próximo à sala dos professores.....	19
Figura 6 – Pátio próximo às escadas.....	19
Figura 7 – Mesinhas de pingue-pongue.....	20
Figura 8 - “Fêssora, tira uma foto nossa!”.....	24
Figura 9 – Grupo de meninas conversando e enquanto isso, meninos se deslocando pela escola.....	28
Figura 10 – Meninos correndo e meninas caminhando.....	29
Figura 11 – Aluno ouvindo música.....	29
Figura 12 – Quando o que era brincadeira toma outros rumos.....	33
Figura 13 – Intervenção do guarda municipal: ele separa os alunos.....	33
Figura 14 – A brincadeira começa com uma corrida.....	35

Figura 15 – Eles brincam de lulinhas em duplas.....	35
Figura 16 – A voadora.....	36
Figura 17 - Grupo de alunos do 7º ano jogando truco.....	38
Figura 18 – Meninas e meninos jogando truco: alunos do 8º ano.....	38
Figura 19 – Meninas e meninos jogando truco: alunos do 6º ano.....	39
Figura 20 – Alunos brincando de pingue-pongue.....	43
Figura 21 – Alunos brincando de pingue-pongue: um deles utiliza o caderno como raquete.....	43
Figura 22 – Grupo de alunas no recreio.....	47
Figura 23– A corrente.....	48

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 Objetivos	15
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA E DOS SUJEITOS DA PESQUISA ...	16
	21
3. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA	
4. É HORA DO RECREIO! - A CULTURA DO RECREIO NA ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GATTI	26
	30
4.1 Brincadeira de <i>menino</i> e brincadeira de <i>menina</i>	
	37
4.2 Sim, eles se misturam: meninos e meninas brincando juntos!	
	40
4.3 Explorando materiais alternativos	
	42
4.4 Tudo acontece ao mesmo tempo: a erotização infantil no contexto do recreio	
	47
4.5 <i>Cirandas, correntes e estrear o novo toco</i> : reinventando as brincadeiras	
	51
5. CONCLUSÃO	
	53
6. REFERÊNCIAS	
	56
7. ANEXOS.....	

7.1	Autorização	da	direção	da	
	escola.....				56
7.2	Autorização dos pais.....				58

1. INTRODUÇÃO

Na minha infância tive uma vasta experiência com o brincar pelas ruas de um bairro situado na cidade de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte. Meus vizinhos e eu brincávamos de *rouba bandeira*, *pegador*, *esconde-esconde*, *passa-anel*, *estrear o novo toco*, *mamãezinha da rua*, *babaloo*, etc.

Em cada período do ano ocorriam momentos específicos para cada brincadeira. As férias de verão e o mês de agosto eram marcados pelas brincadeiras com papagaios (também conhecido como pipa) na rua de cima, na qual havia um imenso terreno vago, onde hoje se localiza uma escola estadual.

Adorava a época de calor, na qual se reunia toda a garotada da rua para tomar banho de mangueira. Em seguida íamos a uma sorveteria e nos fartamos com picolés. Era uma sensação maravilhosa.

Nos finais de semana, eu aproveitava para jogar futebol acompanhada por meus primos e tios, num campo de terra, a um quarteirão da minha casa. Era uma das poucas meninas que jogava futebol naquela época.

Havia o período de nos reunirmos nas casas de vizinhos para jogar videogame, a época do *Super Nintendo*. Esperava ansiosamente para chegar o sábado e poder jogar. Meu dedo ficava doendo de tanto apertar o controle. Quem não jogava, ficava na torcida, acompanhando cada lance com grande euforia.

Teve a temporada de andar de patins, de bicicleta, de skate. A garotada da rua organizou um campeonato de basquete com patins. As cestas eram as lixeiras da rua. Foi a maior seqüência de tombos que eu já vi. Percorríamos o bairro todo de patins.

No final do ano, na maior parte das vezes, eu viajava com minha família para Montes Claros e lá tinha bastante contato com a natureza. Brincava de *subir em árvore*, *montar cabana de bambu*, *vigiar ninho de passarinho*, *correr de vaca*, *de galinha e atrás de galinha*, *andar de charrete e à cavalo*, *escalar porteira*, *atravessar rio de cipó*, *moer cana no engenho*, *guiar o gado*, subir a serra com sua mata fechada e encontrar cristais para colecioná-los. Na companhia de meus avós, tios-avós, ouvia as histórias do passado, aprendia sobre as plantas e os bichos venenosos e ficava admirada com os conhecimentos deles, querendo aprender e

ouvir sempre mais. À noite, ouvia histórias de terror, contemplando o céu estrelado e toda garotada ficava morrendo de medo de ir dormir. Era um susto atrás do outro. Nesses períodos toda família ia pra roça. Daí, em geral, eram pelo menos umas quarenta pessoas reunidas na fazenda.

Nas séries iniciais do ensino fundamental, a minha professora de Educação Física nos ensinava várias brincadeiras, mas as principais lembranças que guardo são as meninas jogando queimada e os meninos jogando futebol. No horário do recreio brincávamos de polícia e ladrão, conversávamos sobre as novelas, os desenhos, trocávamos figurinhas e desenhos que nós mesmos fazíamos.

No sexto ano do ensino fundamental eu e meus colegas nos mudamos para outra escola e fomos separados de sala. Houve uma grande frustração, pois estávamos juntos há 4 anos, na escola anterior.

Nesse período, tive o meu contato com os esportes na escola: futebol, vôlei, basquete, handebol, corrida. Nos dias de chuva, ficávamos na sala, brincando com jogos de tabuleiro: *damas, xadrez, varetas, banco imobiliário, bolinha de gude*.

As aulas na quadra consistiam na formação de equipes que jogavam entre si. Nós mesmos escolhíamos os times, porém, era visível que havia o time dos fortes, dos médios e dos fracos. Sendo que o time dos fortes jogava várias vezes, pois raramente algum time conseguia vencê-los. Eu variava, havia aulas em que ficava no time dos fortes e ora no time dos médios. Havia momentos em que os times dos fracos nem queriam jogar, pois já sabiam que iriam perder. Isso era motivo de grande indignação por minha parte e também de alguns colegas, pois queríamos times mais equilibrados, mais pressão no jogo. Porém, não havia intervenção da professora e as panelinhas não abriam mão de seus integrantes.

Nesse período aprendíamos muito pouco sobre as regras dos esportes. Nunca tive uma aula expositiva de Educação Física. Todas as aulas eram práticas.

Foi no Ensino Médio, quando mudei novamente de escola, que aprendi sobre as regras dos esportes na escola. A professora tinha uma intervenção muito boa na turma. E o nível de habilidade dos alunos os permitia participar das equipes de competição do colégio. Nesse período, eu ficava depois da aula e participava dos treinos de natação. Fazia parte do grupo de alunos fascinado pelas aulas de Educação Física, jogávamos sem parar e ficávamos ansiosos para chegar os dias da aula. Até mesmo durante o recreio, quando a professora liberava a quadra, nos

reuníamos para jogar vôlei.

No final do Ensino Médio, estava clara para mim a opção de ingressar no curso de Educação Física.

No ano de 2004, ingressei na Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais e neste mesmo ano ingressei no Projeto Brincar, coordenado pelo professor José Alfredo Debortoli. Participei do Pet (Programa de Educação Tutorial) Educação Física e Lazer e direcionei minha formação no sentido de melhor compreender o brincar, a ludicidade, o lazer e a infância. Realizei estágios acadêmicos durante a graduação em UMEI's (Unidade Municipal de Educação Infantil), em escolas particulares e atuei como professora de Educação Física na Prefeitura Municipal de Contagem.

Os estudos realizados por Sandra Mara Corazza, Clarice Cohn, José Alfredo Debortoli, Manuel Pinto Sarmiento, ajudaram-me a compreender melhor a infância, aqui entendida como “construção sociocultural e como um tempo singular no processo de formação humana” (DEBORTOLI, 2002).

Pensando nas aulas de Educação Física, Debortoli (1999) salienta que

ao organizar a Educação Física para e com as crianças, precisamos, também, levar em consideração que o brincar é uma linguagem fundamental na infância, podendo se constituir em uma forma singular de produção e apropriação do conhecimento, em suas múltiplas dimensões. Inserir essa reflexão sobre o brincar nos processos da cultura e da produção do conhecimento significa buscar na linguagem sua plena possibilidade emancipadora, o que implica a descoberta de formas de expressão que possam ir além do recurso da palavra e se materializam como gesto - sentido ampliado da palavra, que inclui o corpo e a memória como elementos da experiência humana de coletivamente dar significado ao mundo.

Esses autores ressaltam as crianças como atores sociais que, para além de uma assimilação direta do mundo adulto, constroem com esses e com seus pares seus universos simbólicos de representação.

Durante a minha atuação na escola, venho me deparando com inúmeras situações do cotidiano, especialmente na hora do recreio, que me desafiam a refletir sobre o brincar, as formas de ocupação dos espaços, as questões de gênero e a infância. Questionando-me a respeito do que orienta a ação dessas crianças no recreio. Do que elas brincam? Como e com o que brincam? E qual é o olhar delas mesmas sobre as suas ações durante o brincar?

É no intuito de responder essas indagações, ainda que parcialmente, é que se norteia este trabalho.

1.1 Objetivos

Refletir acerca dos significados do brincar a partir das relações de gênero dos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Luiz Gatti e verificar como eles se organizam na utilização dos espaços da escola durante o recreio, como e com quem/o que eles interagem, e quais transformações são necessárias do ponto de vista dos próprios alunos sobre o tempo/espaço do recreio.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA E DOS SUJEITOS DA PESQUISA

A Escola Municipal Luiz Gatti, está localizada na região do Barreiro em Belo Horizonte. É uma escola-pólo, sendo referência para as demais escolas da região, atende aos alunos do Barreiro e adjacências. A escola funciona em três turnos e recebe alunos a partir do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

A origem social dos alunos é bem diversa. Alguns moram em vilas, *em casas sem número*, como um deles me relatou uma vez. E também há ex-alunos de escolas particulares, mas percebe-se que a maior parte dos alunos é proveniente da classe média.

O presente plano de intervenção foi realizado no segundo turno, no qual são atendidos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

São 6 turmas de 6º ano, 8 turmas de 7º ano, 4 turmas de 8º ano e 7 turmas de 9º ano. A escola conta com uma área de 16 mil metros quadrados, sendo considerada privilegiada por seu tamanho e extensão.

A escola possui uma amplo pátio que é ocupado pelos alunos durante o recreio: mesas de pingue-pongue, uma grande área coberta, 2 espaços com mesas para jogos de tabuleiro e um corredor extenso com jardim. Além disso, possui duas quadras esportivas, biblioteca, sala com tatame, espaço multimídia e auditório.

No recreio, os alunos ocupam apenas o pátio. Os outros espaços ficam fechados, com exceção da biblioteca, que abre durante um período do recreio.

Para conseguir observar o que os alunos vivenciavam nestes espaços, elaborei um cronograma no qual defini a quantidade de dias que eu me posicionaria em cada um deles.

Os espaços observados foram aqui denominados de pátio principal, pátio próximo à sala dos professores, mesinhas de pingue-pongue, pátio dos jardins, pátio próximo às escadas e pátio dos fundos.

Foi interessante observar que alguns alunos ocupavam sempre os mesmos espaços durante todo o período observado. Enquanto outros grupos ficavam se deslocando, andando ou correndo, por toda escola.

Nas imagens abaixo, fotografadas no dia 08/02/2012, relato a descrição destes espaços.



Figura 1: Pátio principal



Figura 2: Pátio dos jardins



Figura 3: Pátio dos fundos



Figura 5: Pátio dos fundos (continuação)



Figura 5: Pátio próximo a sala dos professores



Figura 6: Pátio próximo às escadas



Figura 7: Mesinhas de pingue-pongue

3. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

O recreio é um tempo/espço no qual a intervenç3o do adulto se faz muito pouco presente. Nele, os alunos sentem-se "livres" para falar, agir e movimentar-se fora dos padr3es rigorosos da sala de aula.

Conversas, gritos, passos, lutas, danças, brincadeiras, gargalhadas, grupos, afinidades, m3sica, isolamento e at3 momento da massagem (sim, alguns alunos se massageiam no recreio!)... Enfim, um universo novo e cheio de movimento marcado por m3ltiplas formas de sociabilidade toma conta da escola durante vinte minutos (em m3dia), aguçando a nossa curiosidade sobre as infinitas trocas realizadas nesse per3odo escolar.

Apesar do tempo oficial ser definido em 20 minutos, observei que nem sempre esse padr3o 3 respitado. Uma vez que 3 neste espço que os professores t3m a oportunidade de discutir quest3es pedag3gicas e tamb3m da alteraç3es na rotina do dia, como por exemplo, quando acontecem as avaliaç3es per3dicas propostas pela Prefeitura, ou mesmo, as avaliaç3es semestrais.

Para os alunos, a ampliaç3o deste tempo no recreio resulta em mais brincadeiras e mais tempo livre para conversarem e interagir entre seus pares.

Diante deste cen3rio, segundo Ferreira (2004) a palavra recreio deriva do latim *recreare* e constitui um momento que pode ser entendido como divertimento, prazer, um lugar pr3prio para se recrear nas escolas ou o intervalo livre entre as aulas.

O recreio constitui-se como uma pr3tica cultural. Em relaç3o ao significado do termo cultura, Hall (1997, p.9), aponta que:

Uma revoluç3o conceitual de peso est3 ocorrendo nas ci3ncias humanas e sociais. Isso vai muito al3m da aprendizagem que nos leva a p3r as quest3es culturais numa posiç3o mais central, ao lado dos processos econ3micos, das instituiç3es sociais e da produç3o de bens, da riqueza e de serviços — por mais importante que seja esta mudanç3a. Refere-se a uma abordagem da an3lise social contempor3nea que passou a ver a cultura como uma condiç3o constitutiva da vida social ao inv3s de uma vari3vel dependente, provocando, assim, nos 3ltimos anos, uma mudanç3a de paradigma nas ci3ncias sociais e nas humanidades que passou a ser

conhecida como a —virada cultural.

Fundamentalmente, a —virada cultural iniciou com uma revolução de atitudes em relação à linguagem. A linguagem sempre foi assunto de interesse de especialistas, entre eles, estudiosos da literatura e lingüistas. Entretanto, a preocupação com a linguagem que temos em mente aqui refere-se a algo mais amplo — um interesse na linguagem como um termo geral para as práticas de representação, sendo dada à linguagem uma posição privilegiada na construção e circulação do significado.

Enquanto prática cultural, o recreio na Escola Municipal Luiz Gatti, possui sua própria linguagem. Os espaços e as interações entre os pares são marcados por significados que dialogam com a classe social da qual os alunos são oriundos, com o acesso que eles têm à informação (televisão, jornal, rádio, internet, etc) e a forma como eles assimilam as informações.

Hall (2007, p.13) afirma que

cada instituição ou atividade social gera e requer seu próprio universo distinto de significados e práticas — sua própria cultura. Assim sendo, cada vez mais, o termo está sendo aplicado às práticas e instituições, que manifestamente não são parte da —esfera cultural, no sentido tradicional da palavra. De acordo com este enfoque, todas as práticas sociais, na medida em que sejam relevantes para o significado ou requeiram significado para funcionarem, têm uma dimensão —cultural.

Os alunos reivindicam o tempo/espaço do recreio por ele fazer parte da sua vivência cultural na escola desde a mais tenra idade. É interessante destacar o posicionamento de alguns professores quando percebem que a turma não está colaborando com o desenvolvimento de uma aula. Alguns chegam a dizer que os alunos não terão recreio, e só de ouvir essa afirmação, toda a turma muda a sua forma de agir, colaborando com o professor, por considerar este um espaço importante.

Pensando no recreio enquanto prática cultural, destaco neste projeto de intervenção as seguintes indagações: como os alunos se organizam na utilização dos espaços da escola durante o recreio, como acontecem as interações entre os gêneros, como e com quem/o que eles brincam e quais transformações seriam necessárias do ponto de vista dos próprios alunos sobre o tempo/espaço do recreio?

No intuito de compreender o recreio e as interações entre os alunos, utilizei neste projeto a observação participante, uma vez que “ela ocupa um lugar especial na pesquisa etnográfica por permitir um contato pessoal e uma aproximação com a perspectiva dos sujeitos investigados” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Sarmiento (2003) explica que, “por ser gradativo o nível dessa participação, as relações de comunicação vão-se tornando mais estreitas na medida em que é prolongada a permanência em campo”. Esse fato realmente foi observado durante o presente estudo. Na medida em que os alunos me viam regularmente no recreio, eles próprios faziam questão de contar as brincadeiras que vivenciavam.

As observações foram registradas utilizando-se um diário de campo, no qual eu anotei os apontamentos que me conduzirão a uma reflexão mais aprofundada sobre as relações das crianças com a brincadeira.

A fotografia foi utilizada com o objetivo de aproximar os leitores do contexto onde se realizam as interações das crianças.

Neste plano de ação, a fotografia será tratada como “[...] portadora de uma mensagem visual que pode muito bem ser vivenciada, lida e compartilhada como forma de ajudar o homem a falar do homem” (ACHUTTI, 1997, p.63) ou como forma de ajudar as crianças a falar delas mesmas, de suas próprias culturas.

As imagens expressam uma interação no espaço/tempo e as situações ali vivenciadas de forma diferente da palavra escrita. Na medida em que “as relações entre fotografia, palavra e texto são vistas como interações dinâmicas” (FISCHMANN, 2004, p.116), tenho o objetivo de distanciar-me do uso da fotografia como ilustração ou acessório no texto.

A seguir, relato a descrição de um dos primeiros dias de observação:

Sento-me em um banco no saguão principal e um aluno senta-se ao meu lado. Imediatamente ele pega o caderno da minha mão e finge escrever alguma coisa.

- Fêssora, o que você tá anotando aí? Você vai anotar o nome dos meninos pra diretora?

Respondo que estou observando as brincadeiras e não vou

entregar nenhum nome à diretoria. Pergunto do que ele gosta de brincar no recreio.

- Fêssora, eu gosto de correr, polícia e ladrão”. Assim que percebe a máquina ao meu lado ele pede:

- Tira uma foto minha aí, fêssora!”

Diário de campo, 04/11/2011



Figura 8: “Fêssora, tira uma foto nossa”!

O recreio é um espaço de liberdade no qual não há uma intervenção direta dos adultos. Somente em situações extremas é que observamos os auxiliares de escola ou o guarda municipal chamando atenção dos alunos. O fato de ter alguém com um caderno na mão e uma máquina fotográfica foi motivo de indagação e, ao mesmo tempo, de aproximação entre a pesquisadora e os alunos. Vários alunos me perguntaram o porque do caderno e da máquina fotográfica. Ao explicar o motivo, eles mesmos se prontificavam em me ajudar, relatando suas brincadeiras favoritas ou então que não faziam “nada”.

Para compreender como se expressam as brincadeiras no contexto do recreio

vivenciadas pelos alunos do segundo turno da Escola Municipal Luiz Gatti, utilizei os elementos da pesquisa etnográfica; observação participante, fotografias e entrevistas *conversadas*, uma vez que estas surgiram espontaneamente no decorrer da minha observação.

Optei por usar nomes fictícios para representar as conversas entre mim e os alunos.

A direção da escola assinou um termo de autorização. E os pais dos alunos assinaram um termo de consentimento informado, autorizando os alunos a participarem das fotos e das *entrevistas conversadas*.

Foram realizadas observações durante o recreio na segunda, quarta e sexta-feira, no horário de 15:10 às 15:30, durante um período de seis meses. A partir do mês de outubro de 2011.

Procurei observar as interações entre as crianças e seus pares, cataloguei as brincadeiras e o “*jeito*” de brincar das crianças, as questões de gênero, os espaços que as crianças ocupam, o diálogo entre si e suas reivindicações.

Após a conclusão deste trabalho, pretendo enviar uma cópia do material à direção e à coordenação da escola e realizar a exposição das fotos dos alunos.

4. É HORA DO RECREIO! - A CULTURA DO RECREIO NA ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GATTI

O recreio na Escola Municipal Luiz Gatti desenvolve-se no pátio da escola, ocupado, na sua grande maioria, pelos alunos, auxiliares de escola, porteiro, guarda municipal e monitores dos alunos que possuem necessidades especiais. É um momento que acontece todos os dias, dentro da rotina escolar e com inúmeras regras sendo que o modo de funcionamento destas é conhecido por todos que nele estão inseridos.

A perspectiva da cultura como "mecanismo de controle" inicia-se com o pressuposto de que o pensamento humano é basicamente tanto social como público — que seu ambiente natural é o pátio familiar, o mercado e a praça da cidade. Pensar consiste não nos "acontecimentos na cabeça" (embora sejam necessários acontecimentos na cabeça e em outros lugares para que ele ocorra), mas num tráfego entre aquilo que foi chamado por G. H. Mead e outros de símbolos significantes — as palavras, para a maioria, mas também gestos, desenhos, sons musicais, artifícios mecânicos como relógios, ou objetos naturais como jóias — na verdade, qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para impor um significado à experiência. Do ponto de vista de qualquer indivíduo particular, tais símbolos são dados, na sua maioria. Ele os encontra já em uso corrente na comunidade quando nasce e eles permanecem em circulação após a sua morte, com alguns acréscimos, subtrações e alterações parciais dos quais pode ou não participar. Enquanto vive, ele se utiliza deles, ou de alguns deles, às vezes deliberadamente e com cuidado, na maioria das vezes espontaneamente e com facilidade, mas sempre com o mesmo propósito: para fazer uma construção dos acontecimentos através dos quais ele vive, para auto-orientar-se no "curso corrente das coisas experimentadas", tomando de empréstimo uma brilhante expressão de John Dewey. O homem precisa tanto de tais fontes simbólicas de iluminação para encontrar seus apoios no mundo porque a qualidade não-simbólica constitucionalmente gravada em seu corpo lança uma luz muito difusa. (Geertz, 1989, p. 33)

O sinal do recreio, os bancos, a forma de se movimentar e vestir, as músicas, a fila da merenda, os espaços ocupados - como e por quem são, o que é permitido e o que não é, dentre outros apontamentos; representam elementos simbólicos próprios da cultura do recreio da escola analisada. A comunidade escolar (especialmente os novatos) depois de um período de adaptação passam a conhecer o significado de cada um deles.

Cria-se uma cultura particular dentro do contexto escolar e do recreio com algumas características próprias, como, por exemplo, uma negociação que inclui a maneira de lidar com os espaços conforme gênero e geração (WENETZ, 2006).

Vieira (2011) afirma que “as regras sociais são convencionadas pela sociedade e, através da cultura, podem ser transformadas pelos homens e mulheres que compõem a sociedade, esse processo não é estático”.

Dentre essas *regras* posso exemplificar a ocupação de espaços nesta escola pelo fato de ser muito diferenciada de acordo com a idade e o gênero.

Nesse sentido, podemos notar algumas situações, sem o intuito de generalizar este comportamento para todos os alunos.

Estava observando alguns alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, eles se apropriam todos os dias do mesmo espaço no horário do recreio: o lado esquerdo do pátio próximo a sala dos professores. Eles brincam na maior parte do tempo: batata quente, passa-anel, pega-pega e inclusive, chamam a atenção dos alunos de outros anos - algumas meninas do sétimo ano que ocupam a ponta direita deste mesmo espaço sempre se interessam pelas brincadeiras e há interação entre eles. Todavia, quando observava os alunos do 8º e 9º ano, percebi que eles passavam a maior parte do tempo sentados e conversando. Eles ocupavam a extremidade oposta, perto da biblioteca. Diário de campo: 27/11/2011

No caso do presente plano de ação, o pátio da escola é muito grande. Os alunos podem ocupar vários espaços. E eles se distribuem conforme o interesse pelas diversas possibilidades de entretenimento. Há a área das mesas de pingue-pongue, o pátio coberto, as mesinhas de xadrez, o corredor com jardim e algumas zonas de descanso demarcadas pelos bancos. Destaco que identifiquei essa divisão dos espaços como classificações dos alunos, pois, na escola que pesquisei, não estava entendida essa divisão “oficialmente”, mas alunos sabiam aonde se dirigir se queriam descansar, conversar, brincar de bola (na maioria das vezes de papel ou de meia), de *pingue-pongue*, de *pega-pega* ou realizar outras atividades.

Corroborando com os estudos de Viera (2011), percebeu-se que os meninos ocupam a maior parte dos espaços. Sendo que as meninas ocupam uma área proporcionalmente menor.

Os meninos ocupam mais os espaços, seja correndo de um canto ao outro da escola, brincando de pingue-pongue com raquetes improvisadas, jogando futebol com bolas de meia ou de papel, brincando de *lutinhas*, dentre outras brincadeiras.

Enquanto isso, as meninas ficam em grupos menores e de maneira mais sedentária, sentadas ou em pé, mas sempre conversando, ouvindo música ou lendo alguma coisa.

No recreio, também foi observado que alguns alunos preferem ficar sozinhos, por razões peculiares. Alguns por preferência mesmo, outros por não conseguirem se entrosar entre os colegas. Estes alunos passam a maior parte do tempo ouvindo música ou procuram ler em alguns espaços da escola, como em bancos ou na biblioteca. Os motivos que levam a este isolamento são um tema interessante para futuros estudos. As imagens abaixo mostram algumas destas interações.



Figura 9: Grupo de meninas conversando e enquanto isso, meninos se deslocando pela escola



Figura 10: Meninos correndo e meninas caminhando



Figura 11: Aluno ouvindo música

4.1 Brincadeira de *menino* e brincadeira de *menina*

Pensar a identidade de gênero como algo que se constrói ao longo de nossa existência e que, portanto, não é dada a partir de nossa materialidade biológica pressupõe entender que essa é uma identidade produzida na e pela cultura. É pensar, sobretudo, que a expressão gênero, ainda que possa ser observada a partir de diferentes olhares (marxista, estruturalista, psicanalítico, feminista radical, pós-estruturalista, entre outros) refere-se, fundamentalmente, à construção social do sexo evidenciando, portanto, que masculinidade e feminilidade são construções sociais e históricas. (GOELLNER, FIGUEIRA, 2002).

Sendo assim, é possível entender que as relações de gênero são mais complexas que as interações entre meninos e meninas, pois envolve um conjunto de fatores interligados como: influência cultural, habilidade motora, classe social, aparência física e biológica, entre diversos outros fatores.

Desde cedo, “aprendemos” a separar o feminino do masculino. O jeito de andar, as brincadeiras, a forma de se vestir, as maquiagens, as revistas para homens e as revistas para mulheres, a forma de “esculpir” o corpo. Enfim, são vários elementos que nos são ensinados para separar o feminino do masculino. Pensando no contexto da escola temos a fila dos meninos, a fila das meninas, nas aulas de Educação Física e também nos jogos de sala de aula. Quantas vezes nossos professores já nos separaram em time dos meninos e times das meninas?

“Os sistemas escolares modernos não apenas refletem a ideologia sexual dominante da sociedade, mas produzem ativamente uma cadeia de masculinidades e feminilidades heterossexuais diferenciadas e hierarquicamente ordenadas” (Mac An Gahill, 1996 *apud* SOUZA, 1999).

SOUZA (1999) afirma que “mesmo com essa hierarquização, as construções de gênero não se opõem, ou seja, o feminino não é o oposto nem o complemento do masculino.”

O feminino e o masculino interagem trazendo consigo marcas próprias que estão em constante transformação, devido às mais diversas e complexas culturas.

Em relação a participação de meninas em alguns tipos de brincadeiras, como as de “*lutinha*”, por exemplo, percebemos um certo preconceito por parte dos meninos quando estes dizem que *lutinha* é “*coisa de menino*”. O mesmo preconceito acontece por parte de alguns pais, quando percebem que o filho brincou de casinha

com as colegas. Para alguns pais, “*isso é coisa de menina*”. No entanto, mesmo diante destas situações, percebemos que as crianças quando pequenas não se importavam e continuavam brincando do mesmo jeito. Entretanto, no decorrer do amadurecimento, devido ao fato do preconceito se perpetuar, alguns acabam deixando de vivenciar algumas brincadeiras, por serem “*próprias*” de meninos ou de meninas.

Dessa forma, observa-se que essa relação acaba muitas vezes interferindo no dia a dia de muitas crianças, incluindo diversos espaços sociais, sobretudo a escola. A seguir, relato a observação de uma luta entre uma menina e vários meninos durante o recreio.

Eu me posicionei no corredor onde fica o jardim em frente às salas de aula e uma das alunas me chamou a atenção. Ela correu, saltou obstáculos e bateu em todos os seus colegas. Os meninos correram atrás dela e a provocaram porque sabiam que ela iria reagir, ao contrário de outras meninas. Em resposta ela deu *voadoras*, socos e cerrou os punhos à postos, caso alguém se atrevesse a mexer com ela novamente. Um dos meninos ameaçou bater em outra garota, que tentou desviar do golpe e não conseguiu, levando um forte tapa que acertou o seu braço. A aluna “lutadora”, prontamente defendeu a colega, dando um soco no menino, que saiu correndo. Um dos meninos exclamou: “*Credo, maria homem*”. Esta aluna reagiu com indiferença e continua correndo atrás dos meninos.

No desfecho do acontecimento, me aproximei da aluna, estabelecendo o diálogo:

- Porque os meninos estavam mexendo com você?
(pesquisadora)
- Não sei! Eles implicam comigo o tempo todo. (Karen)
- Você já conversou com alguém sobre isso? (pesquisadora)
- Não (Karen)

- Se isto continuar acontecendo, procure a ajuda do seu professor, da coordenação ou da direção. Eles não podem ficar implicando com você desta forma. (pesquisadora)
- Eu sei.(Karen)
- Você pratica alguma luta?! (pesquisadora)
- Eu faço karatê. (Karen)

Diário de campo, 04/03/2012

Diante do exposto, percebemos uma exceção à regra, uma aluna que não aceita ser agredida pelos colegas. Ela representa uma exceção no que diz respeito à concepção de que luta é só para homem. Representando a pluralidade que pode existir entre o masculino e o feminino.

A aluna analisada relata participar de uma modalidade que ensina técnicas de auto defesa, no caso, o karatê. Enquanto as outras colegas que são vítimas das agressões não participam de nenhuma modalidade de luta. Ficando submissas aos “*tapas*” dos colegas, sem saber se defender.

A violência na escola é um tema muito recorrente no recreio da E. M. Luiz Gatti.

No mês de fevereiro, durante observação no pátio central da escola, percebi que a brincadeira do dia era derrubar. Os meninos estavam brincando de dar *carrinho* uns nos outros. Era só um deles se distrair e *ZAP! Tombo* certo. Houve um momento em que nenhum dos integrantes da brincadeira se aventurava em ficar em pé. Passaram vários minutos no recreio no chão, se arrastando. Um deles sentou-se ao meu lado, procurando refúgio, e reclamando do colega que o machucou. Quando eu percebi já haviam mais quatro sentados no mesmo banco. Os meninos se queixavam que os colegas não sabiam brincar.

- Professora, esses meninos são sem noção demais! (Rafael)
- Porque você acha isso? (pesquisadora)

- Não sabem nem dar um carrinho! (Rafael)
- Eles saem entrando pra valer. Eu tô fora...Tchau! (Danilo)

Diário de campo, 06/02/12

A brincadeira teve desfecho quando um dos integrantes se irritou e deu uma chave de braço no colega. A seguir, algumas imagens do episódio.



Figura 12: Quando o que era brincadeira toma outros rumos



Figura 13: Intervenção do guarda municipal - ele separa os alunos

Alguns colegas passam do limite, mudando a lógica da brincadeira para a agressão. Sem respeitar o outro, como um semelhante.

Houve intervenção do guarda municipal da escola, caso contrário, o fim de uma “simples” brincadeira poderia ser trágico.

Episódios de agressão são recorrentes no recreio da E.M. Luiz Gatti. Porém, não há intervenção direta dos educadores a este respeito. Pois eles não participam do recreio e desconhecem os fatos que ocorrem neste momento. Somente os casos mais graves são levados à direção da escola para que se tomem medidas cabíveis de orientação ao aluno e à sua família.

Ao adentrar no recreio, tem-se a impressão de estar em um campo minado. Ou você desvia ou é atingido, seja professor, funcionário ou aluno.

Falta a discussão sobre afetividade, respeito ao próximo, compaixão e solidariedade.

Nos mês de outubro, em outro dia de observação, no corredor aos fundos da escola, outro grupo de alunos brinca de *lutinha*. São *voadoras*, chutes, socos e *rasteiras*.

Um dos alunos percebe o meu interesse e observa que eu fotografei a brincadeira.

- Professora, você tirou foto?! (Karlo)
- Tirei, sim. (pesquisadora)
- Ôh, fêssora! Não mostra minha foto pra diretora não. A gente só tava brincando!(Karlo)
- Eu não vou mostrar a foto, pode ficar tranquilo. Eu só estava observando a brincadeira de vocês. (pesquisadora)
- Ah! Então pode! (Karlo)
- Onde você vai colocar a minha foto?! (Karlo)
- Na minha pesquisa. (pesquisadora)
- Fêssora! Tira uma foto da gente aqui! (Gêra e seus colegas)

Diário de campo, 03/10/2011

As imagens a seguir, mostram os meninos e a brincadeira de *lutinha*.



Figura 14: A brincadeira começa com uma corrida



Figura 15: Eles brincam de lutinha em duplas



Figura 16: A voadora

Neste episódio foi interessante observar o medo da repreensão dos alunos pelos adultos. Entretanto, apesar dos riscos que a brincadeira pode ocasionar percebi que eles não tinham a intenção de machucar os colegas e sim de explorar a corporalidade do movimento. Acredito que seria interessante a realização de discussões entre professores, alunos e toda comunidade escolar sobre os limites do outro. Saber brincar, sem que eu machuque o meu colega.

A maioria dos episódios relatados passam despercebidos no cotidiano da escola com suas múltiplas preocupações e afazeres. Entretanto, uma intervenção da direção e da coordenação da escola se faz urgentemente necessária para que episódios de agressão não sejam confundidos com brincadeira.

4.2 Sim, eles se misturam: meninos e meninas brincando juntos!

Vários alunos se dispuseram sentados em diversos pontos da escola, no chão ou nos bancos; grupos do 6° ao 9° ano, meninos, meninas, e meninos e meninas jogando baralho. Eles adoram! Perguntei a todos os alunos que estavam com o baralho e eles me responderam: *estamos jogando truco!* Um ponto interessante é que eles vibram, não brigam, ficam concentrados no jogo o tempo todo. E só param quando bate o sinal.

No jogo de cartas é possível encontrar meninos e meninas brincando juntos. Porém, observei que isso só acontece depois de algum tempo de entrosamento entre eles.

Diário de campo, 12/12/2011

Sabemos que a cultura é algo que se transforma. Desse modo, as fronteiras da divisão de gênero freqüentemente são recusadas ou ultrapassadas. Um exemplo disto é o fato de meninas e meninas interagirem cordialmente em brincadeiras e jogos.

Ao me aproximar dos grupos com a câmera em mãos, alguns alunos se escondem, outros ficam indiferentes e ainda há aqueles que fizeram questão de posar para a foto, com um belo sorriso estampado no rosto!

A seguir, algumas imagens que relatam as interações dos alunos jogando truco. As fotografias foram tiradas nos dias 12/12/2011 e 13/12/2011.



Figura 17: Grupo de alunos do 7º ano jogando truco



Figura 18: Meninos e meninas jogando truco: alunos do 8º ano



Figura 19: Meninas e meninos jogando truco: alunos do 6º ano

Perguntei a alguns grupos se eles também gostam de outros jogos:

- Se vocês não estivessem jogando truco, o que gostariam de fazer agora? (pesquisadora)
- Ah, fêssora! Eu queria mesmo era jogar futebol, mas a quadra fica fechada! (Paulo)
- E a gente não pode trazer bola pra brincar no pátio (Victor)
- Eu queria mesmo era jogar xadrez, dama...mas aqui a gente não tem nada disso. (Vinícius)
- Com certeza, fêssora eu estaria jogando era truco mesmo! (Matheus)
- Eu estaria andando por aí. (Stéfanie)

São os próprios alunos quem trazem o baralho de casa. A escola não disponibiliza nenhum material para eles utilizarem durante o recreio. Essa foi uma reclamação presente em muitos grupos.

Esses dados permitem apontar a necessidade de intervenção da escola no intuito de enriquecer o acervo lúdico dos alunos. Uma possibilidade seria o empréstimo de materiais durante o recreio, permitindo que os alunos explorem a sua criatividade no tempo livre. Para isso, poderia ser feito um levantamento com os próprios alunos dos materiais que eles gostariam que fossem adquiridos ou mesmo a possibilidade deste material ser confeccionado por eles mesmos, por exemplo, nas aulas de Artes ou Educação Física.

4.3 Explorando materiais alternativos

Ao observar um grupo de alunos que brincava no corredor próximo à sala dos professores, percebi uma maior interação entre meninos e meninas, inclusive de turmas diferentes. Os alunos do sexto ano estavam brincando de *batata quente* com uma vasilha de plástico que um deles trouxe com o lanche. As alunas do sétimo ano que estavam próximas, acharam a brincadeira interessante, levantaram-se do lugar onde estavam e entraram na roda. Rapidamente elas foram aceitas pelo grupo.

Diário de campo, 18/10/11

Na falta de materiais lúdicos, a serem disponibilizados pela escola aos alunos durante o recreio, eles utilizam a sua criatividade, apropriando-se dos materiais disponíveis e os ressignificando.

Outra brincadeira muito presente no recreio é o futebol. Na maioria das vezes,

os alunos escolheram o pátio coberto, por possuir uma área maior. Durante o período de observação, pude perceber a interação entre meninos, meninas, e meninos e meninas jogando futebol. Eles usavam materiais alternativos: *bolas de meia*, *bolas de papel*, *bolinhas* de plástico (parecidas com *bola de gude*), garrafinhas, cadernos e até blusas de frio.

Alguns alunos também escolheram o *futebol de botão* para se divertir, trazendo o jogo de casa.

Enquanto jogavam, os alunos não se preocupavam com quem estava por perto: “*sai da frente senão eu te derrubo!*”! Independente de ser professor, auxiliar de escola ou os próprios colegas, o cuidado com o outro é indiferente pela maioria dos participantes. Empurrões, pontapés e tombos fazem da brincadeira um verdadeiro campo minado.

Acredito que com um espaço delimitado para a prática do futebol no recreio os índices de acidentes seriam menores. Entretanto, a necessidade de uma educação para lidar com o outro faz-se iminente.

Nas aulas de Educação Física da E.M. Luiz Gatti são oferecidas vivências do futebol tanto aos meninos quanto às meninas. Inclusive, o futebol feminino é uma das modalidades da Olimpgatti (Olimpíadas do Gatti) – que são jogos que promovem a interação entre toda a escola e acontecem próximos às férias de julho.

Apesar de ser vivenciado nas aulas de Educação Física, é pouco comum encontrarmos meninos e meninas brincando de futebol na hora do recreio. Quando ocorre essa interação, os meninos brincam de forma menos agressiva. Apenas tocando a bola.

“O futebol, em relação aos demais esportes, foi o que apresentou maior resistência da sociedade em relação à inserção da mulher, por representar um esporte de contato ligado totalmente ao ideal masculino, arrogante e fisicamente forte” (MOURÃO e MOUREL, 2005 *apud* Ventura e Hirota 2007).

Essa relutância na aceitação do futebol feminino estava relacionada ao receio de ao praticar futebol elas deixarem de lado as práticas “próprias” das mulheres e “invadirem” o universo masculino.

Um estudo realizado por Ventura e Hirota (2007) relata que

especialistas médicos da época desaprovavam a prática do futebol, argumentando que representava um esporte incompatível com a delicada

fisiologia da mulher, que comprometia sua saúde e órgãos reprodutores, além de propiciar um antiestético e desproporcional desenvolvimento dos membros inferiores, deixando-as com pernas mais grossas e masculinizadas.

Apesar das pressões contra a prática, o futebol feminino passou cada vez mais a ser praticado, enfrentando preconceitos e discriminações por estereótipos relativos a cada época, que ainda hoje persistem.

4.4 Tudo acontece ao mesmo tempo: a erotização infantil no contexto do recreio

Um grupo de meninos brincando nas mesinhas de *pingue-pongue* em frente a sala dos professores chama atenção. Eles estão concentrados, mas também vibram, gritam e batem uns nos outros a cada lance. Eles utilizam raquetes de vários materiais: de madeira, emborrachada, de plástico, o próprio caderno e na falta da raquete usam as mãos.

“Perdeu, tá fora!” Essa é a regra para os integrantes da brincadeira. *Que venha o próximo e se passar na frente tem briga.* Um dos meninos tenta passar na frente do colega, este pega um graveto no chão e o ameaça, colocando o graveto sob o seu pescoço. Um dos colegas que assistia a cena finge pegar algo dentro da mochila e atira com o dedo, dizendo pro colega que furou a fila: *“Você morreu! Tá fora!”*. Por fim, o colega desiste de *“furar a fila”* e é solto. Poucos alunos presenciam o ocorrido e a brincadeira continua.

Diário de campo, 05/03/12

As imagens a seguir relatam esses episódios.



Figura 20: Alunos brincando de pingue-pongue



Figura 21: Alunos brincando de pingue-pongue: um deles utiliza o caderno como raquete

Neste dia, os alunos não me perguntaram o que eu fazia no recreio. Apenas pediram a minha ajuda para tirar uma grade e recuperar a bolinha de *pingue-pongue* que havia caído em um buraco.

Bem próximo às mesinhas de pingue-pongue, na escadaria, algumas meninas enchem uma camisinha e ficam rebatendo, como se fosse um balão. Os alunos haviam recebido folhetos explicativos sobre DST e AIDS na feira de cultura da escola, que ocorreu no dia anterior. Algumas meninas que passavam por perto da brincadeira levavam uma “*balãozada de camisinha*”, estas gritavam e saiam correndo, enquanto eram perseguidas pelas colegas. O balão de camisinha era usado para bater nas partes íntimas das colegas: nádegas, seios e parte anterior do quadril, acredito que este tenha sido um dos motivos delas saírem correndo e gritarem.

Apesar da brincadeira acontecer próxima aos meninos, eles não se envolveram. Apenas observavam. Alguns riam, outros apontavam e observavam.

Diário de campo, 05/03/2012

Essas situações colocam-nos diante de algumas possibilidades de reflexão. Foi interessante observar a separação de gêneros nas brincadeiras. No pingue-pongue, neste dia, apenas meninos participavam, e na brincadeira com o balão de camisinha, apenas meninas. Em nenhum momento houve intenção por parte de gêneros diferentes se integrar nas brincadeiras de seus pares.

A sexualidade inscreve-se nos corpos infantis, sendo essa inscrição erotizada ou não.

Mas como podemos refletir sobre a erotização infantil? Esse tema traz algumas questões para discussão. A primeira delas é que observar uma certa erotização nas meninas atentaria contra a noção de uma inocência natural nas crianças. Entretanto, com tantos estímulos corroborando com este comportamento, principalmente através da televisão, é difícil estabelecer um padrão do que é seria próprio de cada idade.

A partir da revisão bibliográfica realizada (WENETZ, 2003), podemos

observar que

a sexualidade infantil no pós-estruturalismo não tem sido muito abordada. Os autores que trabalharam a infância e o corpo fizeram interessantes aportes através da educação sem contemplar as relações que se colocam sobre o corpo ou através dele de modo que o corpo na escola não é criativo; não ocupa um lugar relevante; é censurado; está, enfim, desprezado.

WENETZ (2003) entende a sexualidade como os diferentes modos de expressar os desejos e prazeres, os quais têm uma dimensão social, já que as maneiras de se expressar também são socialmente aprendidas e codificadas.

A sexualidade representa uma escolha pessoal e está relacionada a uma questão social e política, sendo que na escola podemos observar a reprodução dos padrões vistos na sociedade, bem como pode produzir novos padrões, dependendo do tipo de diálogo que é estabelecido neste espaço. Uma vez que reconhecemos que cultura é constantemente modificada.

A sexualidade infantil é uma questão pouco abordada pela maioria dos professores. Entretanto, na E.M. Luiz Gatti, percebeu-se a iniciativa de alguns professores em abordar o assunto de forma atual e criativa.

O professor de Ciências, Wilson, em determinado período do ano discute com os alunos questões relacionadas à sexualidade. Os alunos são divididos em grupos que debatem assuntos específicos e levados à biblioteca que possui um rico acervo sobre o assunto. Em seguida eles apresentam o trabalho para a turma toda. Alguns dos temas discutidos são: doenças sexualmente transmitidas, homossexualidade, gravidez na adolescência, sexo, dentre outros.

Entretanto, percebi que mais iniciativas como estas são fundamentais para a construção crítica dos alunos acerca de sua própria sexualidade, bem como no sentido de respeitar as opções dos colegas.

Um evento que ocorreu na biblioteca chamou minha atenção. Uma professora que faz acompanhamento de aluno de inclusão relatou para mim o interesse de um grupo de alunos do 8º ano por uma revista. Trata-se da revista Piauí. Ela me disse que os alunos estavam afoitos, com o intuito de arrancar

as páginas da revista. Quando ela pegou o material para me mostrar, vi que se tratava de algumas charges que remetiam a algumas posições sexuais.

Diário de campo, 02/05/2012

Essa revista em questão trata de assuntos diversos, apenas nesta edição percebemos esse tipo de charge. A primeira atitude que eu tive foi relatar o fato para a coordenadora da biblioteca. A partir do ocorrido, fica a questão: como debater com os alunos de forma espontânea questões sobre sexualidade? A escola está preparada pra este tipo de diálogo? E os professores? E os pais?

Em outro dia de observação, mais um assunto relacionado à sexualidade: o namoro e a paquera são próprios do espaço do recreio. Percebeu-se o interesse de meninos por meninas e também por pares do mesmo gênero desde o 6º ano.

Desta vez, escolhi um banco próximo à biblioteca para observar o recreio. As meninas que estavam passando pararam, sentaram-se ao meu lado e me perguntaram, o que eu estou fazendo, expliquei sobre a pesquisa. E elas mesmas se prontificaram a dizer o que gostam de fazer no recreio:

- A gente gosta de ficar olhando as coisinhas (Márcia)
- Que coisinhas? (Pesquisadora)
- Ah, professora! Os meninos! (Márcia)

Este é um grupo de alunas do sétimo ano. Elas me relatam que ficam paquerando os meninos e “fofocando”. “Não é uma fofoca ruim, não viu, fêssora! É só pra colocar a conversa em dia”.

Diário de campo, 17/04/12

Se andarmos ao redor da escola, vamos nos deparar com um vasto número de meninas em grupos, em sua maioria dando voltas ao redor da escola, ou sentadas conversando. É isso que a maioria delas relata fazer durante o recreio.

A seguir, a imagem mostra um grupo de alunas no recreio.



Figura 22: Grupo de alunas no recreio

Brincadeiras, namoro, paqueras, leituras, enfim, na escola, bem como no recreio, várias questões remetem à sexualidade. Acredito que ainda não há um preparo da maior parte da equipe de professores e funcionários da escola para lidar com o assunto. Ações de formação são necessárias para que saibamos lidar com a sexualidade de forma construtiva, como algo natural, numa linguagem coerente com cada faixa etária.

4.5 Cirandas, correntes e estrear o novo toco: reinventando as brincadeiras

Este foi um recreio animado e rico em diversidade de brincadeiras. Um grupo de meninas formava uma “*ciranda-corrente*” e saiam arrastando todos os que estivessem na sua frente. Corriam de um lado para o outro e se a corrente se soltasse lá estavam elas formando o elo novamente. Em alguns momentos, algumas integrantes reclamavam da colega que apertava a mão muito forte, ou das colegas que puxavam a corrente de uma vez, ocasionando a *queda* das outras.

Reclamações a parte, a brincadeira perpetuou, devido ao consenso entre as meninas.



Figura 23: A corrente

Foi só a corrente se deslocar para os alunos do sétimo ano se apropriarem do saguão principal da escola. Escolheram uma das colegas para ser o toco, fila formada, começaram a saltar. Meninos e meninas saltavam sobre a colega abaixada que ora colocava as mãos sobre os joelhos e ora abaixava apenas o

pescoço. As alturas deviam variar entre 1 metro a 1,5 metro. De repente, todos em volta pararam para olhar a brincadeira, prevendo o pior. Dentre os comentários: “*Isso não vai prestar*”, “*Essa menina vai quebrar o pescoço*”, “*Nossa que pulão*”, “*Essa gordinha não vai conseguir não*”, “*Vai, Sabrina*” (em referência a apresentadora do Programa Pânico na TV - e a colega dava um tapão nos glúteos da colega que estava agachada).

Diário de campo, 05/03/12

Ninguém interviu na brincadeira. Seria interessante que os alunos recebessem noções básicas de segurança para que diminuísse as probabilidades de acidentes durante as brincadeiras. Além disso, ficou evidente a influência dos programas televisivos sobre o comportamento dos alunos. A posição agachada passa a ter um novo simbolismo: de toco - obstáculo a ser superado - a aluna é comparada à *Sabrina*, que remete a imagem da sexualidade. Foi só a aluna ganhar o tapa nos glúteos para desertar a brincadeira.

E é durante brincadeira, quando através do imaginário a criança se apropria de imagens presentes na realidade, que a cultura lúdica incorpora também elementos presentes na televisão. E durante a brincadeira, na interação e construção de significados construídos através do papel assumido pela criança que as imagens ganham sentido.

Grande parte das críticas voltadas às mídias as caracterizam como um potente agente ideológico, que manipula e bombardeia quem se relaciona com elas sob os princípios do mercado, sendo as crianças as principais vítimas.

(Munarim, 2007).

Nesse sentido, Buckingham *apud* Munarim (2007), afirma que

tanto as mídias como seus públicos são vistos como verdadeiramente homogêneos. Argumenta-se que as mídias são responsáveis por garantir

que as massas aceitem uma ordem social injusta, por meio de um processo de falsas ilusões e mistificação. Elas oferecem uma forma de falso prazer que destrói a capacidade imaginativa, o pensamento crítico e conseqüentemente a possibilidade de resistência (Idem, p.28).

Podemos afirmar que o imaginário midiático interage com a cultura de movimento das crianças. Assim como faz parte do universo lúdico infantil a necessidade de diálogo sobre a influência da mídia, e a repetição alienada dos gestos pelos alunos.

É fundamental que nos questionemos sobre a alienação a que estamos sujeitos, que se incorpora ao nosso cotidiano como algo natural, sem nenhuma reflexão a respeito.

Banalizando os gestos, as atitudes e o pensamento. Especialmente numa época em que o acesso às mídias eletrônicas faz parte do cotidiano das crianças. O acesso a computadores, telefones celulares, dentre outras mídias é algo comum para os alunos da escola analisada. Durante o recreio, é possível observar alunos que trazem notebooks de suas casas e passam o recreio inteiro assistindo vídeos e acessando à internet com seus colegas. Vários alunos da escola já me perguntaram qual é a senha da internet, se na escola o acesso é *wi-fi* (sem fio) no intuito de acessarem à internet a partir de seus celulares.

É pensando nisso que chegamos aos caminhos que os próprios alunos podem encontrar para pensar as mídias e relacioná-las com suas experiências, de forma crítica, sem uma repetição alienada.

Cabe a nós professores, exercermos o papel de mediadores deste diálogo.

5. CONCLUSÃO

Realizar este plano de ação durante seis meses, observando o recreio na Escola Municipal Luiz Gatti foi uma tarefa muito gratificante.

As interações que ocorrem entre os alunos neste espaço/tempo são cotidianas, se refletirmos bem, é possível dizer que muitos eventos se repetem a gerações, quando pensamos nas brincadeiras, por exemplo.

Apesar de serem cotidianas, essas interações tratam-se de objeto que merece uma análise complexa, afinal são emoções, gestos, palavras, olhares, trocas, toques, que marcarão para sempre a vida destes alunos.

Percebi que o recreio da escola analisada é muito rico. É uma cultura própria que envolve a todos os seus integrantes numa atmosfera de diversidade. Os alunos têm contato com diferentes tecnologias: telefones celulares, *ipad*, *ipod*, *notebook*, bem como brinquedos que trazem de suas casas: futebol de botão, baralho, bolas de meia, bolinhas de plástico, dentre outros. O que salienta a diversidade sócio-cultural, econômica e de interesse desses alunos.

Os alunos respeitam e reinventam as regras (implícitas e explícitas) do recreio a todo momento.

A presença de adultos no recreio foi compreendida pelos auxiliares de escola, guarda municipal e, raras vezes, pela direção e coordenação. No caso destas duas últimas, elas interviram quando os alunos se envolviam em brigas e agressões (verbais e/ ou corporais).

A interação entre meninos e meninas ocorre em muitas situações. Porém, foi observado que este tipo de relação acontece com mais frequência depois de um certo tempo de convivência entre os alunos.

Existe uma grande necessidade de reflexão a respeito da sociedade que temos e a sociedade que queremos. O recreio é um reflexo desta sociedade. E neste momento podem ser criados e resignificados currículos emergentes, que surgem das crianças, das vivências e interações entre crianças e adultos.

Percebe-se que os alunos possuem pouca voz, apesar dos *berros*, *uivos*, *gritos* e *gargalhadas* que ouvimos neste espaço/tempo.

A violência durante as brincadeiras e questões relacionadas a sexualidade

são os objetos que mais me chamaram atenção. São assuntos que merecem uma intervenção imediata da equipe pedagógica, professores, direção e comunidade escolar, no intuito de transformar o recreio em um espaço mais harmônico e bem estruturado, tendo-se os alunos como os principais atores para que isto aconteça.

Episódios de agressão são recorrentes no recreio da E.M. Luiz Gatti. Porém, não há intervenção direta dos educadores a este respeito. Pois eles não participam do recreio e desconhecem os fatos que ocorrem neste momento. Somente os casos mais graves são levados à direção da escola para que se tomem medidas cabíveis de orientação ao aluno e à sua família.

Falta a discussão sobre afetividade, respeito ao próximo, compaixão e solidariedade.

A maioria dos episódios relatados passam despercebidos no cotidiano da escola com suas múltiplas preocupações e afazeres. Entretanto, uma intervenção da direção e da coordenação da escola se faz urgentemente necessária para que episódios de agressão não sejam confundidos com brincadeira.

No que diz respeito ao acervo lúdico, constatou-se que a escola não disponibiliza nenhum material para os alunos utilizarem durante o recreio. Essa foi uma reclamação presente em muitos grupos. O que permite apontar a necessidade de intervenção da escola no intuito de enriquecer o acervo lúdico dos alunos. Uma possibilidade seria o empréstimo de materiais durante o recreio, permitindo que os alunos explorem a sua criatividade no tempo livre. Para isso, poderia ser feito um levantamento com os próprios alunos dos materiais que eles gostariam que fossem adquiridos ou mesmo a possibilidade deste material ser confeccionados por eles mesmos, por exemplo, nas aulas de Artes ou Educação Física.

Uma maior interação entre alunos e comunidade escolar faz-se necessária no intuito de possibilitar que os alunos interajam e se relacionem com diferentes manifestações da nossa cultura: como a música, o cinema, a fotografia, dança, teatro, poesia e literatura, artes plástica e gráficas, também no espaço do recreio. Levando-se em conta os interesses do aluno, tendo-o como sujeito principal no seu processo educacional.

6. REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Foto etnografia: um estudo de antropologia visual sobre o cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.

DEBORTOLI, José Alfredo. Com olhos de crianças: a ludicidade como dimensão fundamental da construção da linguagem e da formação humana. Licere, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 105-117, 1999.

DEBORTOLLI, José Alfredo. LINHALES, Meily Assbú. VAGO, Tarcísio Mauro. Infância e conhecimento escolar: princípios para a construção de uma educação física "para" e "com" as crianças. Revista Pensar a prática v. 5, 2002. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/48/2699>
Acessado em:28/08/2011

FERREIRA, Aurélio Buarque H. Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0. Editora Positivo, 2004.

FISCHMAN, Gustavo. Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs). A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004, p.109-125.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. Corpo e gênero: a revista Capricho e a produção de corpos femininos. Motrivivência, ano XIII, n.19,p.13-34. Dez, 2002.
Disponível em: <http://150.162.1.115/index.php/motrivivencia/article/viewFile/950/4327>
Acessado em 23/04/2012.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas / Clifford Geertz. - l.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação e Realidade, v. 22, n.2, jul./dez. 1997. p.1-23.

Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf

Acessado em 03/10/2011

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação – abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MUNARIN, Iracema. Televisão e brincadeira: as mediações e o imaginário na cultura e no movimento das crianças. XV CONBRACE/GTT 2/ Comunicação e mídia, 2007.

Disponível em:

http://www.nica.ufsc.br/wpcontent/uploads/2010/01/iracema_televisao_e_brincadeira.pdf

Acessado em: 23/05/2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (orgs.) Itinerários de Pesquisa. Perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.137-179.

SOUZA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Caderno Cedes. Campinas, Ano XIX, n° 48, agosto de 1999. p. 52-68. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>

Acessado em: 13/03/2012.

VENTURA, Thabata Santos; HIROTA, Vinícius Barroso. Futebol e salto alto: porque não? Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – 2007, 6 (3): 155-162.

Disponível em www3.mackenzie.br/editora/index.php/remef/article/.../1246/950

Acessado em 03/12/2011.

VIEIRA, Nelma Bernardes. A representação da masculinidade na hora do recreio escolar dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. III Seminário Nacional: Gênero e práticas culturais – olhares diversos sobre a diferença. (manuscrito). Disponível em: <http://itaporanga.net/genero/3/03/02.pdf>
Acessado em 15/05/2012.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo. A construção do gênero no espaço escolar. Revista Movimento. Porto Alegre, v.12, n.01, p.31-58, janeiro/abril de 2006.
Disponível em: seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/2891/1527
Acessado em 23/04/2012

WENETZ, Ileana. Corpo, sexualidade e Infância: uma revisão bibliográfica na perspectiva pós-estruturalista na Educação Física e Educação no Brasil (1990-2002). Monografia (Especialização). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. UFRGS/ESEF. Porto Alegre. 2003.
Disponível em:
<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7043/000494435.pdf?sequence=1>
Acessado em: 23/04/2012

7. ANEXO

7.1 Autorização da direção da escola

Belo Horizonte, 21 de janeiro de 2012

Ilma Profa. Maria da Conceição H.Gherardi
Diretora da Escola Municipal Luiz Gatti

Prezada Diretora:

Venho por meio desta solicitar autorização a Direção para desenvolver junto a esta instituição, no período de outubro de 2011 até junho de 2012, o Projeto de Pesquisa de Pós-Graduação vinculado ao Programa de Pós Graduação do Laseb da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação do Prof.^a Dr.^a Lívia Maria Fraga Vieira, intitulado “É HORA DO RECREIO! A CULTURA DO RECREIO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE.”

Pretendo desenvolver minha pesquisa durante o momento do recreio, observando-o 3 vezes na semana.

Meu objetivo é mostrar como este espaço está sendo constituído pelos alunos das referidas séries nesta escola. Para tal, necessito observar, fotografar (ou oportunizar que se fotografem entre si), filmar e gravar conversas e/ou entrevistas semi-estruturadas – sobre o que pensam do recreio, qual o significado que estão dando a este espaço no cotidiano escolar – que possam ocorrer entre estes alunos. O critério para escolha destes alunos será definido, conforme andamento da pesquisa.

Contudo, todos os participantes da pesquisa com idade inferior à 18 anos, deverão levar, junto às suas famílias um Termo de Consentimento Informado[anexado a esse documento] que deverá estar devidamente autorizado pelos familiares e/ou responsáveis, para que participem das atividades da pesquisa.

Os dados coletados a partir das atividades propostas serão analisados e supervisionados por meu orientador. Parte destes será utilizada em meu estudo de pós-graduação, respeitando os preceitos éticos das pesquisas acadêmicas, ou seja,

o material não será utilizado para fins comerciais ou estranhos aos objetivos educacionais, pois os registros têm por objetivo complementar a pesquisa configurada neste espaço escolar.

Na certeza de poder contar com o apoio desta instituição, agradeço sua atenção e disponibilidade. No aguardo de sua manifestação por escrito [a qual será anexada ao Projeto de Pesquisa], coloco-me ao seu inteiro dispor para quaisquer outros esclarecimentos a respeito da pesquisa.

Cordialmente,

Profa. Isis Aloma Marinho Lima (Pós-graduanda do Laseb/UFMG)

Prof.^a Dr.^a Lívia Maria Fraga Vieira (orientadora)

Autorizado dia: ____/____/____

Assinatura da Diretora

Endereço para respostas e eventuais contatos com a pesquisadora

Escola Municipal Luiz Gatti

Endereço: Rua O Garimpeiro, 45 – Barreiro de Baixo

Telefones: (31) 3277 – 5830 E-mail: isisaloma@yahoo.com.br

7.2 Autorização dos pais

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LASEB**

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Srs. Pais e/ou responsáveis:

Sou a professora Isis Aloma Marinho Lima, atuo na E.M. Luiz Gatti, na biblioteca escolar, no município de Belo Horizonte. Sou pós-graduanda do Programa de Pós-Graduação Lato Senso em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Venho através deste, solicitar sua permissão, para que _____ possa participar da pesquisa durante o momento do recreio, tendo por objetivo mostrar como este espaço está sendo constituído pelos alunos da Escola Municipal Luiz Gatti.

Para a realização desta pesquisa, deverei acompanhar três vezes por semana o recreio desta escola até junho de 2012, observando, fotografando (ou oportunizando que se fotografem entre si), filmando e gravando conversas e/ou entrevistas semi-estruturadas – sobre o que pensam do recreio e qual o significado que estão dando a este espaço no cotidiano escolar.

Esclareço que os dados serão coletados por mim e serão analisados e supervisionados por meu orientador. Parte destes será utilizada em meu estudo de pós-graduação latu-senso, respeitando os preceitos éticos das pesquisas acadêmicas, ou seja, não serão mencionados os nomes reais dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado e o material não será utilizado para fins comerciais ou estranhos aos objetivos educacionais, pois os registros têm como objetivo complementar a pesquisa configurada neste espaço escolar.

Neste sentido, coloco-me ao seu inteiro dispor para quaisquer outros

esclarecimentos a respeito da pesquisa, comprometendo-me também em esclarecer qualquer dúvida que o participante venha a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário. Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

(GENTILEZA, PREENCHER OS ESPAÇOS À CANETA)

Eu, _____ RG No _____
concordo que o/a aluno/a _____,
sob minha responsabilidade e guarda, participe do projeto de pesquisa.

Assinatura dos Pais ou Responsáveis

Cordialmente,

Prof.^a Isis Aloma Marinho Lima (Pós-Graduanda do Laseb/UFMG)

Endereço para respostas e eventuais contatos com a pesquisadora

Escola Municipal Luiz Gatti

Endereço: Rua O Garimpeiro, 45 – Barreiro de Baixo

Telefones: (31) 3277 – 5830 E-mail: isisaloma@yahoo.com.br